

Novos achados líticos nas áreas do Castelo do Queijo e da Ervilha

POR

FERNANDO RUSSELL CORTEZ

Há mais de meio século, foram pela vez primeira assinalados instrumentos de carácter paleolítico junto do Castelo do Queijo.

Êste Castelo, obra construída por indicação do Conde de Lippe, destinava-se a defender a costa e fica situado junto do ribeiro do Queijo, no lugar do mesmo nome da freguesia de Nevogilde, largo tempo pertencente ao concelho de Bouças e hoje encorporada na cidade do Pôrto.

Foi autor dos achados líticos o engenheiro Vasconcelos Cabral quando estudava certos depósitos superficiais na bacia inferior do Douro nos arredores do Pôrto.

Dos resultados dêstes estudos, levou tal investigador breve comunicação ao IX Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, realizado em 1880 em Lisboa (1).

Nesta comunicação pretendia encontrar certos vestígios de acção glaciária e mostrar as quartzites descobertas, que apresentavam trabalho intencional.

(1) Pereira Cabral, *Resumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire*. Lisboa, 1880; *Estudo dos depósitos superficiais da bacia do Douro*, Lisboa, 1881.

Referentemente às quartzites, as suas conclusões não foram aceites pelo Congresso, e, segundo Cartailhac, «les membres les plus compétents du Congrès ne paraissent pas disposés à admettre... que les quartzites soient taillées» (1).

Mais tarde, tendo o Dr. Joaquim Fontes estudado êsses instrumentos, guardados no Museu dos Serviços Geológicos, radicou-se-lhe no ânimo a impressão de que só algumas das peças descritas tinham sido submetidas a trabalho intencional (2).

Descrevia aquêlê investigador, no seu breve estudo, instrumentos aparecidos na Ervilha e um fragmento de lâmina de sílex de três faces e com os bordos retocados. Tal lâmina foi encontrada no fôssô do Castelo do Queijo. Afirmava ser esta verdadeiramente paleolítica (3).

Anos mais tarde, Rui de Serpa Pinto teve ocasião de examinar êsses objectos nos Serviços Geológicos e classificou-os como pertencentes a um nível asturiense, post-paleolítico, mas ainda numa fase pré-neolítica portanto (4).

Não é dêstes achados que eu aqui venho falar, tomando a atenção de V. Ex.^{as}, mas sòmente referir alguns novos objectos encontrados nos lugares retro referidos.

(1) Emile Cartailhac, *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, in «Materiaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme», Paris, 1880.

(2) Joaquim Fontes, *Instruments paléolithiques dans la Collection de Préhistoire du Service Géologique*, «Com. dos Serv. Geológicos», vol. XII, 1-6.

Id., *Instruments paléolithiques des environs de Pôrto*, «Boletim da Sociedade de Ciências Naturais», vol. VII, Lisboa, 1915.

(3) Joaquim Fontes, *Ob. cit.*

(4) Rui de Serpa Pinto, *Nótulas Asturienses, III*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. V, Pôrto, 1931; Mendes Corrêa, *Origens da cidade do Pôrto*, 2.^a ed. Pôrto, 1935.

*

* *

A freguesia de Nevogilde, onde se verificaram os achados, encontra-se situada junto do mar e no bordo ocidental da Meseta.

Esta freguesia está numa zona de contacto entre gneisses e granitos porfiróides, além de outras rochas de diferenciação magmática, zona orlada nalguns pontos de depósitos pliocénicos e modernos.

Pereira Cabral queria ver nesta área vestígios da acção glaciária, representados por estriamentos na superfície das rochas existentes.

Não logrou esta opinião larga e sossegada vida, pois não sendo parte das suas conclusões aceites pelo Congresso de 1880, foi passados poucos anos contrariada pelo Prof. Doutor Augusto Nobre (1), que negou tratar-se de qualquer vestígio de fenómenos glaciário mas que antes seriam praias levantadas, opinião ainda hoje aceite.

Declarava que parecendo algumas das provas incontestáveis, reduzido era o número de factos observados; que os caracteres pouco positivos de alguns e a defeituosa interpretação dada a outros o levaram a duvidar seriamente. Fêz um cuidadoso estudo dos depósitos e não encontrou um único traço indiscutível e que com razão pudesse ser atribuído à acção do gêlo (2).

(1) A. Nobre, *Étude géologique sur le bassin du Douro*, in «Mémoires de la Société Malacologique de Belgique», Bruxelles, 1892, vol. XXVII; *Traços geológicos das praias do Pôrto*, in «Boletim do Ateneu Comercial Portuense», 11 ano, n.º 5, Pôrto, 1892.

(2) Segundo o Prof. Venceslau de Lima, existiam apenas estrias de erosão eólica nos rochedos, traços dos quais várias vezes falou ao Prof. Mendes Corrêa.

Verificou apenas a acção erosiva do mar conjuntamente com a disjunção do granito.

Eram inúmeras as «marmitas de gigantes» existentes e situadas alguns metros acima do mais alto nível atingido pelas marés actuais, o que junto à qualidade e situação dos depósitos, o levou a concluir o atrás dito; eram praias levantadas e já modificadas pelo aluviamento, hoje emersas pela progressiva ascensão da linha de costa (1).

Dadas as circunstâncias a que os depósitos têm estado submetidos, dificilmente aquêles materiais podem concorrer para uma perfeita classificação da idade da formação.

As praias levantadas, que do Douro se estendem para o Norte, têm um carácter um tanto ou quanto especial e diferente do das outras existentes na costa portuguesa. É evidente nelas o dispositivo em teclado (2) ao mesmo tempo que se verifica um desnível gradual à medida que nos deslocamos para o Norte: oitenta metros em Vila-Nova-de-Gaia, quinze metros em Viana.

Podemos supor ter o mar tirreniano, mais ou menos, transgredido nesta região. Verificou-se durante tal transgressão uma acalmia orogénica ou então como que um distendimento deformador, tendente a diminuir o relêvo (3).

No grimaldiano, em que o mar regrediu, foram variados e mais ou menos curtos os períodos de estacionamento (4). Resultaram dêste lento movimento negativo do mar, os terraços litorais médios e baixos que se encontram na nossa costa.

(1) A. Nobre, *Ob. cit.*

(2) J. Carrington da Costa, *Geologia do Pôrto*, in «Nova Monografia do Pôrto». 1938.

(3) Id., *Evolução do meio geográfico na pré-história de Portugal*. Vol. 1 do Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

(4) *Ibid.*



A praia junto da Estação de Zoologia Marítima Doutor Augusto Nobre



A praia do Castelo do Queijo. Lado Sul



A praia em que desagua o Ribeiro do Queijo



Caminho de Paços

(Clichés do autor)

Se não aceitarmos uma movimentação geral de todo o bloco peninsular, temos todavia de considerar como irrefutáveis certas transgressões e regressões de carácter generalizado, cujos efeitos poderão ter sido modificados por movimentos isostáticos ou outros movimentos locais.

À nova mudança de posição da zona de desnível marginal corresponderam certas actividades terrestres, principalmente movimentos epiregênicos, que, elevando o nosso território, acentuaram em determinados pontos o teclado do litoral.

A transgressão flandriana deixou iniludíveis vestígios nas nossas costas. Uma formação deste nível foi há pouco localizada pelo professor Carrington junto do Castelo do Queijo, sendo constituída por depósitos de antiga praia levantada, hoje em dia só visível na baixa-mar.

Fraca foi até hoje a fauna colhida nas praias de 17 a 30 metros de altitude.

Muitos dos restos de conchas estão deteriorados e por isso inclassificáveis.

Devendo a sua classificação à amabilidade do Prof. Doutor Augusto Nobre, apresento a lista dos restos faunísticos que consegui colher:

- *Pectunculus glycineris*, Lin.
- *Triton nodiferus*, Lamarck.
- *Mastra solida*, Lin.

O primeiro e último eram muito abundantes e pertencentes a níveis de altitude compreendida entre 13 e 30 metros.

Da praia actual e junto do Castelo do Queijo colhi os seguintes restos:

- *Patella athletica*, Bean.
- *Cassis saburon*, Bruguière.
- *Cardium echinatum*, Lin.
- *Cardium norvegicum*, Spengler.

- *Gibula obliquata*, Gmelin.
- *Nassa reticulata*, Lin.
- *Venus*, sp.
- *Natica*, sp. (*catena*?).

*

* *

Tentei nas palavras atrás ditas, esboçar, despretensiosa e sucintamente, um aspecto geológico da região em que logrei encontrar, como já tinha sucedido em relação com Pereira Cabral, o espólio adiante descrito.

Em meados de Agosto do ano transacto, tive necessidade de identificar uma porção de areal situado nas cercanias do Castelo do Queijo. No caminho notei certa quantidade de seixos rolados, o que me fez pensar na possibilidade de existirem aqui calhaus talhados intencionalmente pelo homem.

Ao transpor um valado vi no chão que acabava de calcar, um seixo rolado e lascado, com a forma de machadinha.

Mais adiante, ao atravessar a Avenida da Boavista, encontrei um pêso de rêde.

Tais achados fizeram com que, em dias sucessivos, percorresse o local e recolhesse, entre muitos outros, os instrumentos que ora tenho o prazer de apresentar aos meus prezados consócios.

O espólio forneceu quartzites de tipologia paleolítica, grosseiros «coup de poing», alguns frustes, quasi todos talhados em ambas as faces a grandes lascas, espessos, de gume em linha quebrada e conservando na base o talão constituído pela superfície polida do godo.

A pátina é excelente em quasi todos os exemplares.

Nos instrumentos colhidos coexistem com os bifaces, picos

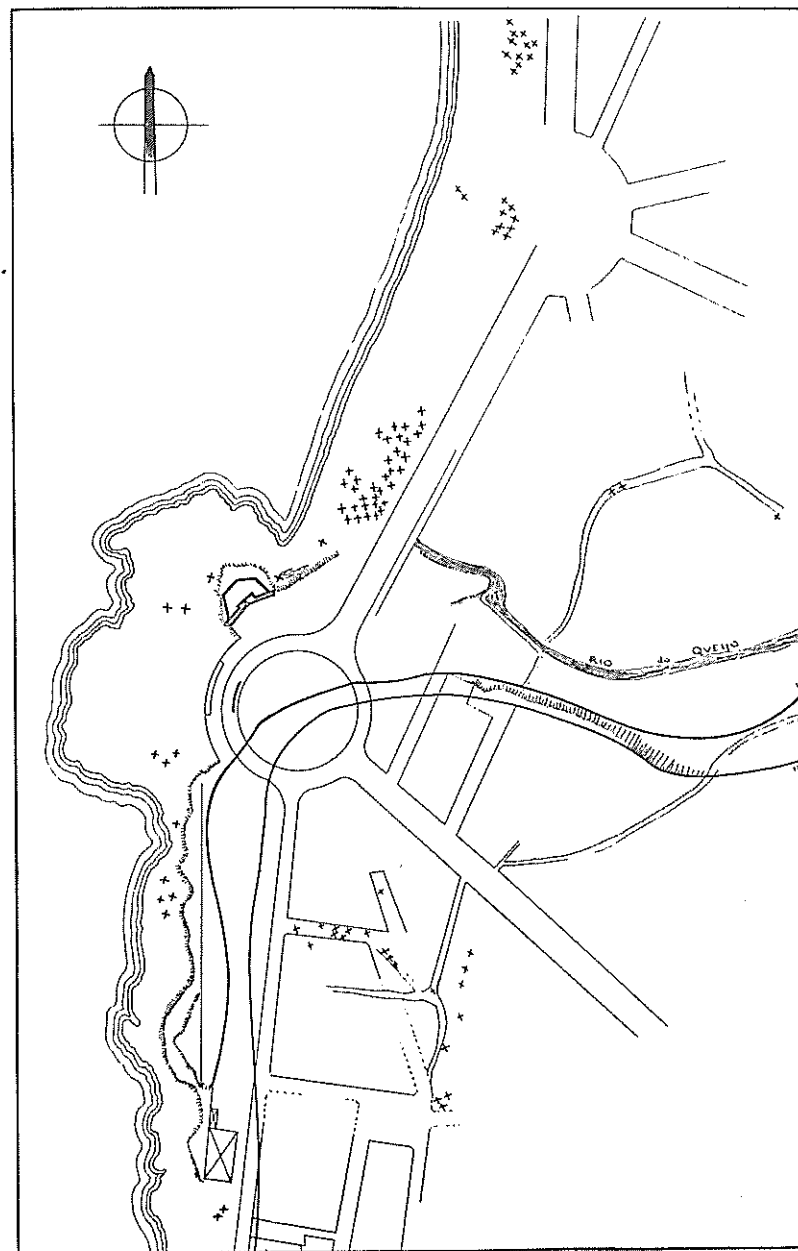


Fig. 1 — Mapa das localizações de achados junto do Castelo do Queijo a que se refere este trabalho.

que lembram os asturienses, pesos de rêde, machadinhas e grandes lascas.

Aparecem-nos em grande abundância as machadinhas formadas por seixos rolados, mais ou menos espalmados, de secção quasi circular ou elíptica na extremidade dos quais foi talhado um pequeno gume obtido a grandes lascas, extraídas em diferentes inclinações, sem qualquer retoque, no mesmo ou em vários planos de ataque.

No nível actualmente atingido pelo oceano, encontrei também numerosa série de machadinhas de quartzite cinzento-acastanhada, de formato mais ou menos oblongo e mais ou menos espessas.

O seu gume pode ser constituído pela aresta resultante da saída dum grande lasca, podendo também apresentar vários planos de fractura. Não mostram vestígios de qualquer retoque e têm um aspecto algo fruste.

Aparecem outras machadinhas de gume arqueado, formado pela extracção de diversas lascas em vários planos de percussão.

Quasi que podíamos dizer em um plano de ataque e dois outros de retoque (fig. 3-h).

Coexistem com aquelas uns outros instrumentos, fabricados de seixos chatos de pequeno e médio porte. O gume que é aguçado resulta da extracção de duas lascas principais fazendo um ângulo mais ou menos agudo com o eixo maior do godo.

Todos êstes instrumentos são talhados numa só face e de aspecto algo fruste. Estão muito rolados, talvez devido à acção sucessiva do mar.

Êste espólio lítico encontra-se no nível da praia actual localizada entre o Castelo do Queijo e o molhe sul do pôrto de Leixões, sendo revolvidos e tornando-se fácil a sua colheita depois dum temporal de sudoeste.

Num terraço situado a um nível de vinte metros encontrei, numa busca subsequente, o bellissimo biface representado na figura 2-a.

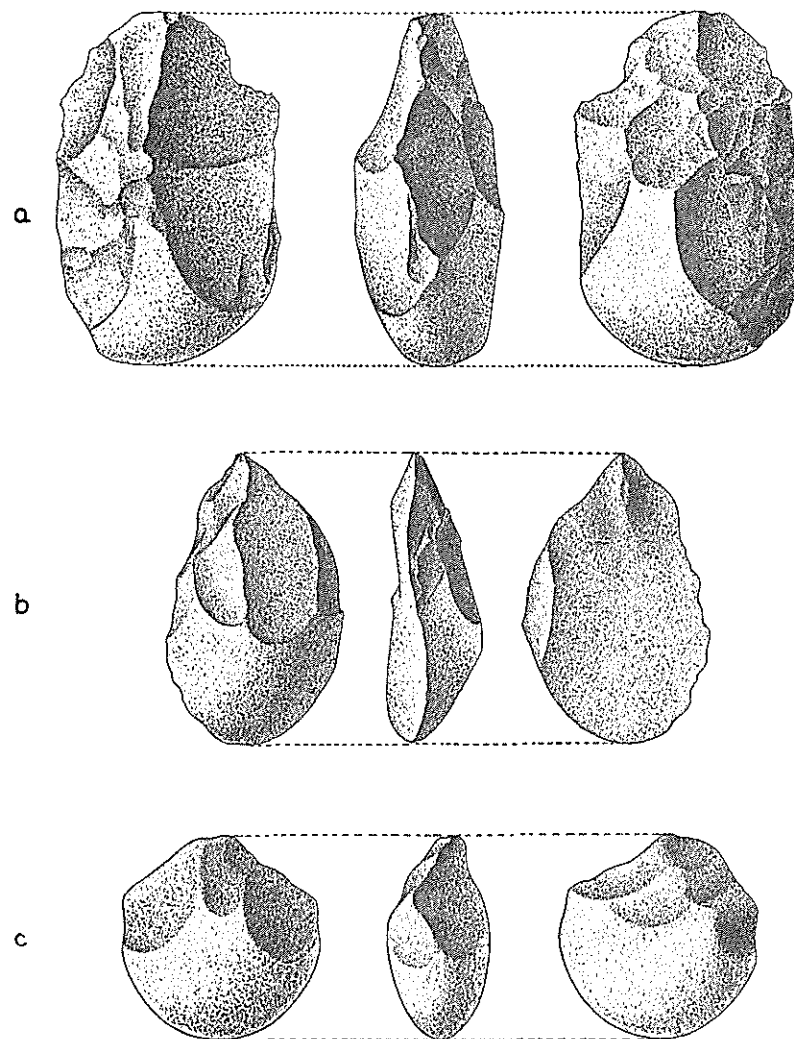


Fig. 2 — Peças de morfologia paleolítica dos lugares do Queijo e Castelo. ($1/3$ do tamanho natural).

A sua pátina é óptima e muito diferente daquela que apresentam os objectos encontrados em níveis inferiores.

Este exemplar que mede 12,5 cm. de maior dimensão, é de formato sub-rectangular, foi feito dum calhau rolado de quartzite, amarelo-acastanhado, e foi talhado a grandes lascas nos bordos de ambas as faces de forma a produzir o típico bordo em ziguezague peculiar ao Cheulense e Acheulense antigo. Possui a particularidade de ter um bico semelhante ao dum pato, a substituir a aresta marginal, bico cortado por uma pequena face.

O trabalho intencional não se estende a tóda a superfície do bordo, restando ainda um pedaço da superfície rolada, formando como que o talão do machado.

Também idêntico é aos encontrados em Casal do Monte e de morfologia parecida com o representado na figura 5 do trabalho do Prof. Mendes Corrêa relativo a novas estações líticas em Muge, instrumento proveniente do Granho, perto de Muge (1).

Um outro biface talhado também a grandes lascas, tiradas na direcção do maior comprimento, tem um formato quási triangular e aguçado. O talão que é formado pela superfície natural do seixo, não se prolonga pelas duas faces devido ao talhe de uma delas não ter sido executado nos bordos, mas sim constituindo uma única lasca, formando quási que uma face plana (fig. 2-b).

A sua técnica faz lembrar a clactoniense — grandes lascas com bolbo bastante pronunciado — e o gume que esta peça apresenta não é em linha quebrada, mas sim constituído pelo bordo cortante deixado ficar quando a extracção da lasca.

Semelha uma lasca de grandes dimensões, talhada em ambas as faces, lembrando um triedro abevilense, tentando-me quási o

(1) Mendes Corrêa, *Novas estações líticas em Muge*. Vol. I do Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

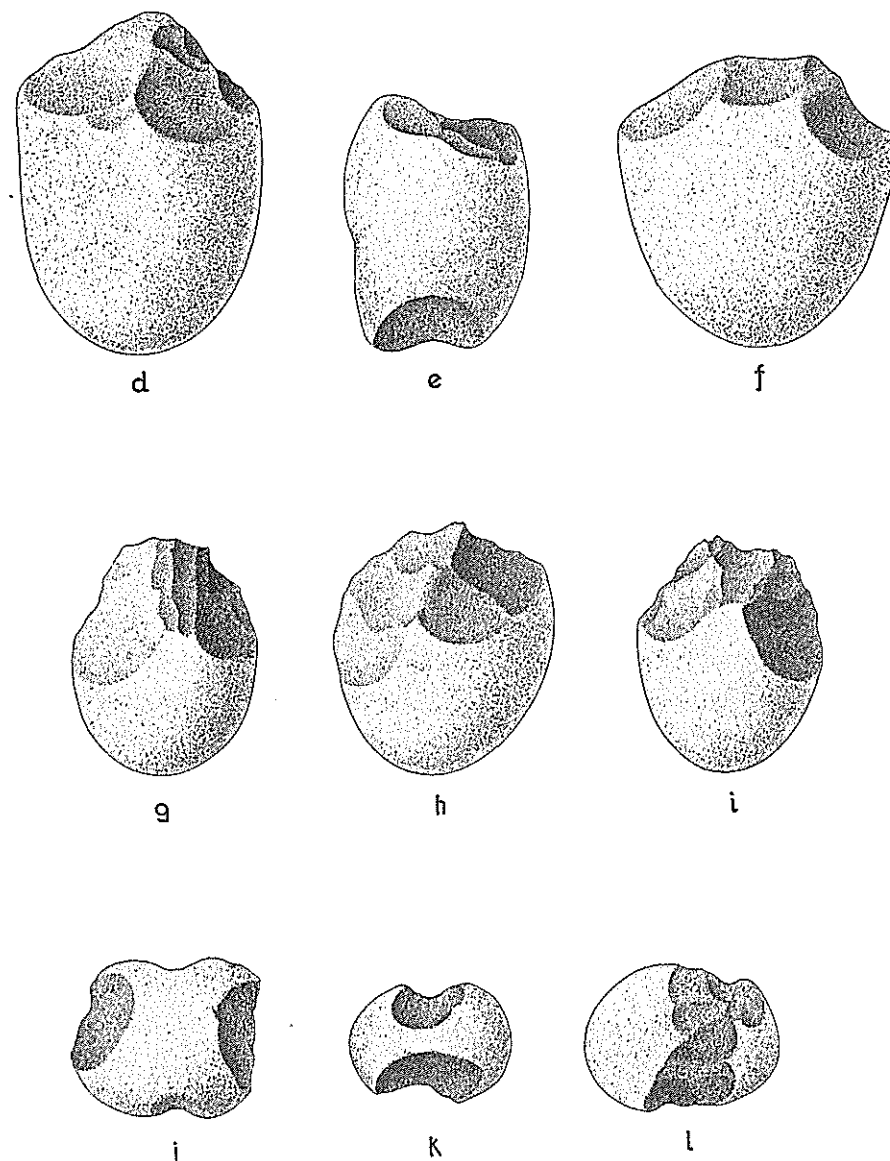


Fig. 3 — Peças de morfologia asturiense encontradas na Ervilha, Queijo e Castelo. (1/3 do tamanho natural).

denominá-la como pertencente à indústria designada pelo Abade Breuil, *Clacto(no)-Abevilense* ⁽¹⁾.

Apareceu também um biface, lascado num seixo de quartzite e talhado no sentido do maior comprimento; foi fabricado com o lascado miúdo, confundindo-se por vezes com o retocado de certas peças.

Descrevo agora uma outra peça, que parece uma lasca, se bem que aperfeiçoada em ambas as faces.

Dada a forma pontiaguda com pequenos retoques e visto conservar ainda parte da superfície rolada e primitiva, podíamos ser levados a classificar tal instrumento como um biface. Se nesta estação aparecessem objectos de pequeno talhe, poderíamos dizer que tal peça era um núcleo.

Parece uma representada por Pereira Cabral no seu trabalho e também descrita ⁽²⁾.

Outras lascas de grandes dimensões e pêso foram também encontradas, uma no lugar do Queijo outra na Ervilha.

O seu pêso é elevado e justifica um emprêgo em tarefas afins daquelas em que era usado o biface.

Os instrumentos que mais abundam nesta jazida são as machadinhas, como de resto sucede nas estações da Gandra ⁽³⁾, Esposende, e na de Camposancos na Galiza ⁽⁴⁾.

A maior parte delas tem um gume vivo. O seu lascado é feito no bordo do godo mais ou menos oblongo de maneira tal

(1) Henri Breuil, *Notions de Préhistoire ancienne et d'Art Préhistorique*, Lisboa, 1942, 10.º cours, pág. 2.

(2) Pereira Cabral, *ob. cit.*

(3) J. R. dos Santos Júnior, *Nova estação asturiense na foz do Cávado, Gandra*, Vol. I do Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

(4) Joaquim Fontes, *Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra, Espanha)*, in «Brotéria», vol. I. Caminha, 1925.

que o encontro da superfície lascada, talhada numa só face, com a superfície primitiva e rolada da outra gera uma ou mais arestas vivas, de talhe mais ou menos arqueado, conferindo a êstes instrumentos essa designação justa de *machadinhas*.

Serviriam para destacar dos rochedos os moluscos — lapas, mexilhões e percebas — que constituíam parte da alimentação do homem de então.

São de variados tamanhos, variando também muito o seu pêso.

Uma que apareceu na Ervilha, muito bem patinada e rolada, mostrando três planos de ataque com diferentes inclinações, apresenta-se-nos muito rolada, o que podia levar-nos a atribuir-lhe uma maior antiguidade (fig. 3-h).

Com o mobiliário lítico ora descrito e encontrado nas áreas pertencentes à freguesia de Nevogilde, nos lugares do Queijo, Castelo, Ervilha e Paços, coexistem instrumentos de tipologia até hoje denominada «asturiense».

Picos, tipicamente asturienses, foi coisa que eu não encontrei. Um objecto lembra os picos arredondados descritos por Rui de Serpa e denominados «ancorenses» ⁽¹⁾. São instrumentos pontiagudos, talhados na face anterior dum calhau rolado de quartzite e em que a clássica e característica aresta mediana é substituída por uma outra face. Também a superfície rolada que forma o talão se prolonga pela face anterior, muitas vezes até à extremidade do pico (fig. 3-f).

O gume dos objectos dêste tipo que nesta estação aparecem, é por vezes, de formato semi-hexagonal e constituído principalmente por três planos de ataque em que os laterais apresentam a mesma inclinação em relação ao eixo do godo (fig. 3-i).

(1) Rui de Serpa Pinto, *O asturiense em Portugal*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. IV, 1 fasc. Pôrto, 1930.

Lembra uma peça por mim encontrada, juntamente com o abade Breuil, cêrca de 800 m. ao sul de Layadores.

Apareceu um outro pico de arestas vivas regularmente patinado, talhado a grandes lascas convexas com vária inclinação e concorrendo a formar uma aresta mediana.

Tem a extremidade partida e é muito parecido com alguns dos encontrados em Muge, se bem de pêso muito menor (fig. 3-g).

Êstes dois achados foram feitos em lugares situados cêrca de 20 m. acima do nível médio e actual do mar.

Ao nível do mar, junto do Castelo do Queijo e onde encontrei as machadinhas para trás descritas, apareceram também outros picos fabricados em quartzite acinzentada, alguns bastante rolados, apresentando a aresta média com quatro faces principais, duas de cada lado, formadas por planos de ataque concorrentes.

Aparecem também outros que semelham os encontrados por Rui Serpa em Âncora e representados a figuras 8 e 9 do seu trabalho. Temos de reconhecer que êstes exemplares, embora tendo de comum, com os picos de talhe asturiense a forma mais ou menos pontiaguda, o talhe só numa face e a conservação da superfície natural na outra e na base, não possuem a relativa homogeneidade dos picos das praias minhotas.

Em muitas estações como em Arronches, Elvas, nas margens do Caia, Casal do Monte, etc., que são consideradas como do paleolítico inferior, aparecem alguns dos instrumentos de quartzite talhados dum só lado.

Tal estado de coisas leva-nos a admitir para o presumível asturiense que coexiste com instrumentos de morfologia paleolítica uma maior antiguidade em relação aos picos post-azilienses dos cantábricos. Estas associações são inteiramente favoráveis à opinião do distinto pré-historiador o reverendo Padre Eugénio Jalhay, segundo o qual a indústria asturiense veio do sul para o

norte, da África para a Península (1). Um pré-asturiense meridional, de carácter paleolítico, é também admitido pelo rev. H. Breuil e pelo Prof. Mendes Corrêa.

A tipologia aproxima alguns instrumentos dos paleolíticos de Lisboa e Elvas, estações também de superfície. Dado que a estratigrafia é precária, as referências faunísticas muito parcas, as sobreposições arqueológicas nulas, razões de monta há pelas quais de aconselhar é uma prudente reserva.

É uma hipótese sedutora o admitir que no paleolítico inferior nasceu «in loco» um pré-asturiense, talvez sincrónico com o paleolítico superior, em todo o caso anterior à época mesolítica dos concheiros do Tejo. Esta cultura teria emigrado para o norte, dando o asturiense pròpriamente dito (2).

Outros objectos por mim agora encontrados são os conhecidos pesos de rêde, fabricados de seixos alongados, com dois chanfros em cada lado do godo de modo a formarem na região central como que um estrangulamento. Êstes chanfros são feitos na extremidade do diâmetro menor na posição mais favorável para o seu emprêgo (fig. 3-k).

Apareceu na Ervilha um objecto que, parecendo-me ter servido também de pêso de rêde, merece todavia uma referência especial devido à sua tipologia pouco vulgar. Tem quatro chanfros em vez de dois, de cada lado do seixo. Refiro ainda outro seixo com o lascado fruste em ambas as extremidades do maior comprimento: é semelhante a um encontrado na estação de Gandra, Esposende.

(1) Eugénio Jalhay, *Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galaico-minhoto?* in « Brotéria », vol. XVI. Lx. 1933.

Id., *L'industrie de type asturien sera-telle une industrie purement locale?* in « Proc. First Int. Congress Preh. Protoh. Sciences ». Londres, 1932.

(2) Mendes Corrêa, *Novas estações líticas em Muge*. Vol. 1 do Congresso do Mundo Português. Lisboa, 1940.

Êstes pesos são objectos pouco vulgares nas estações asturienses do Minho, ao contrário do que sucede nas ora descritas e imediatamente ao sul do Douro (fig. 3-e e j).

Estaria tentado a classificar êstes últimos achados como talvez pertencentes ao Languedociano, levado a tal pela semelhança de mobiliário com o da estação de Camposancos — especialmente pela abundância de machadínhas e picos arredondados e pesos de rêde simultâneamente com instrumentos do paleolítico inferior.

É de considerar a opinião do Prof. Burkitt que quer ver nesta indústria uma manifestação humana mais antiga que a das Astúrias. Corresponderia em Portugal ao paleolítico superior (1).

Porém, não proponho qualquer classificação para êstes achados crivelmente paleolíticos, dado que nova arrumação foi proposta para o paleolítico português mercê dos estudos levados a cabo últimamente, sobretudo pelo abade Breuil e por Zbyszewski.

Dos factos atrás apresentados resulta, a meu ver, que razão de sobra tinha o engenheiro Pereira Cabral em guardar e estudar as quartzites trabalhadas intencionalmente e que, classificadas de paleolíticas, apresentou à apreciação do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica que em 1880 se realizou em Lisboa.

Factos novos vêm por vezes mais tarde rectificar críticas autorizadas que se supunham definitivas. Assim foi neste caso. Tardou, mas nunca é demasiado tarde para fazer justiça, para proclamar a verdade.

Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. 19-J-943.

(1) Milles Burkitt, *Notes of a journey though North-west Spain and Portugal*, in « Prehistor. Society of East Anglia », vi. 1931.